

ANÁLISES PORNOGRÁFICAS: articulações entre pornografia, cultura e poder

Esther de Freitas Guimarães Pinheiro (UFC)¹,
esther.pinheiroufc@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é fruto das discussões da disciplina de Tópico Especial em Sociologia II - Sociólogas Brasileiras, tendo como metodologia uma revisão bibliográfica, compõe uma série de reflexões teóricas que integram os estudos para uma futura pesquisa de mestrado sobre pornografia na contemporaneidade. Articulando os conceitos de cultura popular – não dissociado da cultura de massas, mas parte dela, gênero narrativo, capitalismo farmacopornográfico e o fenômeno social da pornografia, movimento os trabalhos da socióloga Maria Celeste Mira em conjunto com outros expoentes das Ciências Sociais e Humanas, especialmente Paul B. Preciado, para compreender o pornô como peça fundamental da cultura popular, participando na estruturação das relações sociais, econômicas e políticas e das subjetividades. Entendo o pornô como um fenômeno social, uma peça de mídia e uma ferramenta, imprescindível para o funcionamento do sistema capitalista e que é um dos aparatos de poder sobre o corpo, tanto no discurso, quanto na materialidade do mesmo, e, por isso, inserido na análise das dinâmicas sociais, de produção e de consumo cultural. Tais dinâmicas são compreendidas como mediadas pela lógica do capital e dos fluxos ininterruptos e de ampla circulação de informação característicos da comunicação de massas na contemporaneidade, como chama Preciado (2023): o circuito “excitação-capital-frustração-excitação-capital”, característico do modelo capitalista contemporâneo. O sexo e suas representações – especificamente a pornografia, no caso deste trabalho – são compreendidos aqui não só como veículos eficientes “[...] para a transmissão de mensagens sobre os princípios que norteiam a sociedade [...]” (Fry, 1982, p. 16), mas também como parte do processo de produção e reprodução do poder.

Palavras-chave: Pornografia. Cultura. Sociologia da Cultura. Capitalismo Farmacopornográfico. Poder.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das discussões realizadas na disciplina de tópico Especial em Sociologia II - Sociólogas Brasileiras, lecionada pela professora do Departamento de Ciências Sociais Mariana Mont'Alverne Barreto Lima, e faz parte de uma gama de leituras, reflexões e observações que compõem os estudos para uma futura pesquisa de mestrado sobre

¹ Graduanda em Ciências Sociais (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0529569176762858>

o tema da pornografia. Pretendo, portanto, realizar uma revisão bibliográfica que parte de alguns artigos da obra da socióloga Maria Celeste Mira para dialogar com outros trabalhos, especialmente de Paul B. Preciado, que abordam o estudo da cultura e do pornô, de modo a construir uma reflexão sobre esse fenômeno, sua relação com a cultura popular e a estruturação das relações sociais e das subjetividades.

Busco compreender o sexo como parte fundamental da vida – para além de sua capacidade de reprodução da espécie, inserido no meio sócio-cultural, político e econômico, mantendo-se, por isso, no campo das disputas discursivas e materiais. Pensando em consonância com Peter Fry (1982):

[...] a sexualidade talvez seja o veículo mais eficiente para a transmissão de mensagens sobre os princípios que norteiam a sociedade, na medida em que os atos sexuais chegam até o fundo da psique. Poderia acrescentar uma razão a mais para reforçar essa argumentação: o sexo é *percebido* como algo *natural*, algo que irrompe e quebra, muitas vezes, as convenções sociais. Mas se é verdade que ele adquire, como tudo que é trabalho social e culturalmente, significação no seu contexto social, ele deixa então de ser assim tão natural e sub-repticiamente age como transmissor de ideias e noções sociais e políticas. [...] A cultura, longe de ser apenas um aspecto secundário da sexualidade é, a meu ver, seu âmago. (p. 16)

Dada tal capacidade de “transmissão de mensagens sobre os princípios que norteiam a sociedade”, é indispensável pensarmos na mídia e na comunicação, forma e meio pelos quais a pornografia circula, como inseridas na relação interdependente entre cultura e subjetividade, servindo como um mediador simbólico cada vez mais multifacetado em suas formas e impactos, dado o advento da internet e a amplitude de sua capacidade de circulação. Assim, tomando como recorte o pornô audiovisual, compreendê-lo como inserido em processos sociais ressoantes no discurso, na representação e na agência dos sujeitos sobre o sexo, possibilita um entendimento da pornografia como parte da cultura popular.

O fluxo frenético de informações característico da contemporaneidade evidencia a ampla capacidade de circulação da mídia que compõe os hábitos de consumo e práticas culturais dos sujeitos, de modo que tornam-se não apenas um espelho que reflete as normas e papéis sociais, mas são o meio pelo qual estas se produzem e reproduzem continuamente. Segundo Mira (2003), isso se expressa na forma pela qual os “gêneros narrativos que perpassam os meios

de comunicação de massa” (p. 17) são peças fundamentais na compreensão da cultura como um “modo de vida”² que estrutura as relações sociais e os marcadores de diferenças.

Utilizando dessa concepção de cultura, não me atendo a uma separação estrita entre a cultura de massas e a cultura popular – fator que será explorado de forma mais contundente no decorrer do texto – e da importância dos gêneros narrativos presentes na mídia, darei especial atenção à construção do gênero pornô e sua influência na estruturação dos saberes sobre sexo, sexualidade e gênero presentes na cultura popular, bem como a operação que coloca a pornografia – e o fluxo de substâncias químicas e informações que ela carrega – como uma ferramenta central na efetivação do poder sobre o corpo, sua regulação, produção e reprodução no capitalismo farmacopornográfico³.

2 PORNÔ E CULTURA

O gênero pornô é fruto de um debate intenso que permeia diversas áreas do conhecimento e que possui uma trajetória de estudo marcada por pontos de vista múltiplos e influentes, segundo Susan Sontag (2004) a pornografia “É alguma coisa frente à qual se é contra ou a favor” (p. 4). Assim, compreendemos que tal tomada de posição vem em conjunto com um escrutínio moral e político, de modo que, da academia ao senso comum, formularam-se linhas de pensamento que enquadram a pornografia nos mais diversos planos: uma patologia, um gênero literário e/ou fílmico, um fenômeno social, um viés artístico, entre outros. Dito isso, para este trabalho, dadas as limitações de tempo e espaço, não me deterei a expor detalhadamente – ainda que apareçam e ressoem no texto – os estudos sobre pornografia no debate feminista, no saber médico ou na diferenciação entre pornografia e erotismo – tidas aqui como sinônimos.

Pretendo, portanto, tratar da pornografia em seu recorte enquanto um gênero narrativo da mídia, seguindo a definição de Martín-Barbero:

Os gêneros se constituem em matrizes culturais [...]. São fórmulas ou estruturas narrativas que se repetem ao longo do tempo, mas atualizando-se. E, ao se atualizarem, continuam a fazer sentido na vida de um determinado segmento de público. (1997 *apud* Mira, 2003, p. 24)

² Williams (1979) *apud* Mira (2003).

³ O conceito de capitalismo farmacopornográfico, elaborado por Paul B. Preciado, especialmente no *Testo Junkie*, será melhor explorada no decorrer do texto.

Há, portanto, um jogo de comunicação característico para cada gênero, meios pelos “quais o autor busca estabelecer uma cumplicidade com o espectador [...]” e o espectador “adquire uma capacidade cada vez maior de decifração dos sentidos, às vezes múltiplos, que nele estão presentes.” (*ibid.*, p. 21). Dessa forma, a ligação do produto com o público abre um “caminho para encontrar o significado de certas formas culturais na vida cotidiana de determinados públicos.” (*ibid.*) e o gênero narrativo e suas formas (literatura, cinema, revista, etc.) passam a integrar um conjunto de códigos que participam de determinados quadros de compreensão da realidade e construção da subjetividade.

A comunicação de massa estabelece, portanto, um papel fundamental na medida em que é o meio pelo qual a mídia circula, assim, podemos compreender a como se estabelecem códigos de compreensão sobre os mais diversos assuntos – inclusive o sexo – se fazendo necessário “situar a comunicação em um processo de circularidade cultural” (*ibid.*, p. 18). E, seguindo o pensamento de Mira (2016), entender que a cultura popular e a cultura de massas são ambas características imprescindíveis para compreender as dinâmicas sociais. “O argumento de que a cultura de massa também é cultura popular não se baseia apenas no fato de que ela é consumida pelas classes populares”, há um processo de “gestação da cultura de massas a partir da cultura popular tradicional” (*ibid.*, p. 432), de modo que tais fenômenos – cultura popular e de massas – se aproximam e se distanciam na estruturação das relações sociais e das subjetividades.

Assim, podemos elencar determinadas características que marcam o gênero pornô, tanto na perspectiva de mudança do formato pelo qual essa mídia circula, como na “matriz cultural” que estrutura as narrativas, especialmente no pornô audiovisual *mainstream*, forma mais comum de circulação da pornografia na contemporaneidade. Na medida em que o gênero narrativo

[...] pode ser pensado como um mediador, uma ponte que une produtores e receptores através de um texto. Ao fazer esta ligação com o público, o gênero abre caminho para encontrar o significado de certas formas culturais na vida cotidiana de determinados públicos. (Mira, 2003, p. 21)

O pornô aparece como um importante aparato de “negociação de sentidos e significados que resultam na expansão, restrição ou deslocamento das práticas sexuais concebidas como aceitáveis ou ‘normais’ e aquelas que são tomadas como objeto de perseguição, discriminação, cuidados médicos ou punição criminal” (Gregori, 2008, p. 577). Essa “negociação de sentidos

e significados" toma novas proporções a partir da invenção da fotografia, que “assinala uma etapa crucial para a produção do novo sujeito sexual e de sua verdade visual.” (Preciado, 2023, p. 106), tal aspecto de construção de uma realidade visual a partir do vídeo, a imagem em movimento, fomenta um “novo entendimento sobre nossa corporeidade” (Duarte; Rhoden, 2016. p. 721) e que “desfruta, inegavelmente, de um ‘privilegiamento epistemológico’ sobre outros tipos de registro dentro do paradigma oculocêntrico da ciência moderna” (*ibid.* p. 723).

Outro aspecto fundamental desse “paradigma oculocêntrico” é o fato de que tal olhar é construído a partir de um ponto de vista falocêntrico e masculino, especialmente no pornô *mainstream* e heterossexual, assim, a narrativa se constrói em torno da ereção e do *cum shot* ou *money shot* – a ejaculação, de modo que

Ele é o sujeito, ele age, ele vê a mulher, ele vê o próprio orgasmo. O prazer masculino se evidencia visualmente, principalmente no momento do *money shot*, a ejaculação para a câmera, mais uma convenção fundamental do gênero. Enquanto isto, a mulher geme, sussurra, grita. Mary Ann Doane sugere que a função desses sons teria a ver com a invisibilidade do prazer feminino. *E mais, enquanto a visão seria um sentido voltado para o exterior, a audição remeteria para o interior, para os sentimentos, para a psicologia da personagem, correspondendo, como vimos, às preferências da platéia feminina.* (Mira, 2003, p. 29, grifo meu)

Tal fato aponta para o que Mira (2003) cita como “educação dos sentidos”⁴, que estrutura papéis socioculturais e dinâmicas relacionais, podendo ser identificado no fato de que “Assim como aos homens não são permitidas as lágrimas, às mulheres não foi ensinado o olhar erótico ou pornográfico” (*ibid.* p. 30). Explicitando outra característica fundamental da pornografia: sua função pedagógica, pois, para além de ser a primeira referência do que é e como se faz sexo para muitas pessoas, ela também é uma preferência⁵ para a excitação sexual ensinada durante a socialização masculina. É o amiguinho que mostra para o outro o vídeo pornô que achou na internet e que chama para bater punheta. O “olhar pornográfico” é, portanto, ensinado, não apenas em sua característica de signos e símbolos da sexualidade, como também na prevalência da visão como um meio indispensável para a excitação sexual..

A construção e adaptação da “cultura sexual” constroi, na modernidade, o que Foucault (1977) citado por Gregori (2008), chama de “dispositivo da sexualidade”, um

marco da produção de saberes institucionais e técnicos, e viu neles a consolidação da noção moderna de “sexo”, esta unidade fictícia – Judith Butler chama-a de ideal

⁴ Gay (1988), apud Mira (2003).

⁵ “Evidentemente, essas preferências são históricas, relacionam-se à cultura sexual no sentido amplo da expressão [...]” (*ibid.*, p. 30).

regulatório – ou matriz de significados, significantes e práticas cujo sentido implica a articulação entre a anatomia do corpo, a biologia dos sexos, os comportamentos associados ao gênero e o desejo. (*ibid.* p. 578)

Pensando no que Mira (2003) coloca sobre a mídia e a comunicação como fundamentais na criação dessas matrizes culturais e na mediação simbólica que atua na produção do gosto, das preferências e das subjetividades, esse dispositivo da sexualidade difundiu códigos somato políticos⁶ que são consumidos “no correr das horas”⁷ e estão presentes “[...] no dia a dia das pessoas, na rua, mas principalmente em casa, tendo os seus aparelhos transmissores confundidos com os outros eletrodomésticos da casa” (*ibid.* p. 22). Desse modo, tais dinâmicas de consumo se colocam em consonância com o que escreve Preciado (2023) quando argumenta acerca da mudança na forma pela qual o poder se adapta e se infiltra na vida cotidiana para efetivar a regulação, a produção e reprodução de sua hegemonia no que o autor define como “capitalismo farmacopornográfico”:

Na era farmacopornográfica, o biopoder reside em casa, dorme conosco, habita dentro. As manifestações dominantes da era farmacopornográfica (pílulas, próteses, comida, imagens, felação e dupla penetração) compartilham a mesma relação entre corpo e poder: um desejo de infiltração, absorção e ocupação total. (p. 197)

Dessa forma, abrimos portas para a reflexão da pornografia e suas características narrativas e materiais que nos auxiliam a compreender as dinâmicas de poder, estruturação das relações e dos papéis sociais e as dinâmicas de produção e consumo cultural que permeiam a contemporaneidade, visto que a forma pela qual se dá a produção, reprodução e consumo da mídia, especialmente o pornô, nunca foi de tão ampla circulação. A internet, com as redes sociais, as plataformas de conteúdo, entre outros meios de difusão, fazem parte de um ciclo de transmissão de informações que mantém, ao mesmo tempo em que adapta continuamente dinâmicas socioculturais, políticas e econômicas hegemônicas, mas que também permitem a construção de novos sujeitos políticos e estratégias de subversão⁸.

⁶ "Códigos somatopolíticos" é um dos conceitos elaborados por Paul B. Preciado no livro *Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*, que diz respeito aos códigos de construção e regulação da materialidade do corpo e da subjetividade por meio de uma relação multifatorial dos sujeitos com as substâncias, suas capacidades biológicas – como a reprodução – e os signos socioculturais associados a estas. Dentre os agentes presentes nessa relação estão o aparato midiático, jurídico – o Estado, o saber médico e o mercado. Para compreender o desenvolvimento do conceito e suas repercussões na teoria do autor ver Preciado, 2023..

⁷ Morin (1975) *apud* Mira (2003).

⁸ Ver Preciado (2023).

3 MÍDIA, CORPO E CAPITALISMO FARMACOPORNOGRÁFICO

As dinâmicas de poder que coordenam o funcionamento do sistema econômico sob o qual vivemos – o capitalismo – possuem uma rede de operações que atuam de modo incisivo sobre o corpo, justamente para efetivar seu controle e regulação. Isso se dá não apenas no plano discursivo, mas também através das substâncias químicas – fármacos – que compõem o organismo e sua manutenção, tanto no sentido de manter a vida – ou levar a morte – como no sentido de produzir um corpo inteligível, capaz de ser compreendido dentro do sistema de associações entre as substâncias e suas representações sociais.

Ampliando a tese do biopoder de Michel Foucault, Preciado (2023) aponta que, para além do modelo de dimorfismo sexual feminino/masculino, pênis/vagina, novas formulações aparecem com a descoberta dos hormônios – testosterona, estrogênio, progesterona – os quais passam a compor um quadro de interpretação sobre os corpos que pode ser manipulado tecnicamente: “o poder se deslocou do controle da terra para o controle da manufatura e, então, para o controle da informação e da vida. Hoje, o poder se estende ao sexo, ao gênero e à raça como codificações precisas da informação e da subjetividade” (*ibid.*, p. 264)

A essa manipulação técnica dos corpos, várias descobertas envolvendo os fármacos se associam: a criação da pílula, o Viagra, as técnicas de manutenção da sexualidade, do sexo e do gênero se espalham pelo tecido social e passam a ser consumidas diariamente por milhares de pessoas, de modo que a construção e difusão de códigos somatopolíticos passa a permitir um novo modelo de controle e regulação, de *Farmacopoder*⁹. Porém, tal controle do corpo está associado à criação de novos meios para a transmissão desses códigos que vão além das substâncias, é aí que a outra veia regulatória dos corpos aparece: o *Pornopoder*¹⁰.

No contexto de um modelo sexopolítico farmacopornográfico de rápida expansão, em que um grande número de potenciais consumidores vê cada vez mais o acesso à produção molecular do seu gênero e da sua sexualidade modulado pelas flutuações do mercado farmacêutico, implantes e micropílulas anunciam um novo tipo de heterossexualidade de alta tecnologia (que difere radicalmente da sexualidade vitoriana do século XIX): *a tecno-Barbie, eternamente jovem e hipersexualizada, quase completamente infértil e sem menstruar, mas sempre pronta para a inseminação artificial e acompanhada de um supermacho estéril cujas ereções são tecnicamente produzidas por uma combinação de Viagra e códigos pornográficos audiovisuais emitidos por meio de canais digitais computadorizados.* (*ibid.*, p. 208-209, grifo meu)

⁹ *Ibid.*

¹⁰ *Ibid.*

Assim, a construção de uma sexualidade multimídia¹¹, manipulada e mediada por meio de tecnologias químicas, cosméticas e comunicacionais colocam os sujeitos numa lógica de fluxos intensos ininterruptos, e “As características da pornografia atual só são possíveis por integrarem um enorme fenômeno de massas [...]” (Díaz Benítez, 2009, p. 18). Tal fenômeno de massas inseriu o pornô na cultura popular, tendo em vista as enormes proporções tomadas pelas revistas *Playboy*¹², a construção do prostíbulo Artemis¹³, as atualizações diárias sobre a vida da atriz pornô Andressa Urach, a polêmica da “Beijola do *Privacy*”, entre outros fenômenos nacionais e internacionais.

O pornô audiovisual ocupa uma posição central no processo de circularidade cultural, de modo que o corpo se converte em informação que circula e é consumida de forma ampla e rápida, participando de uma dinâmica de “consumo sexual padronizado” (Preciado, 2023, p. 259) e das movimentações econômicas do capitalismo farmacopornográfico, no circuito “excitação-capital-frustração-excitação-capital”¹⁴, cuja efetividade se dá na mediação por meio da mídia. Desse modo, a pornografia é uma ferramenta imprescindível para o funcionamento do capitalismo farmacopornográfico, sistema em que “[...] nem o corpo individual, nem a chamada esfera privada, nem o espaço doméstico escapam da regulação política. O sexo, a excitação, a demanda de ereção e de ejaculação existem no próprio centro da produção da economia política farmacopornográfica.” (*ibid.*, p. 261).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As articulações realizadas entre o trabalho da socióloga Maria Celeste Mira e de Paul B. Preciado, fornecem importantes reflexões que unem o pensamento sociológico com as reflexões do campo da comunicação, da filosofia, da política e da economia, oferecendo chaves analíticas interessantes para pensarmos a pornografia como um fenômeno social a ser estudado

¹¹ Ver Preciado (2020) para um estudo sobre a formulação e difusão da sexualidade multimídia.

¹² Ver Preciado (2020)

¹³ O prostíbulo Artemis foi inaugurado em 2005 com a permissão do governo alemão devido à ocasião da Copa do Mundo. Para uma análise extensa da situação, ver Preciado (2023).

¹⁴ Preciado (2023) associa esse ciclo com a dinâmica de busca por satisfação constante característica da sociabilidade contemporânea, mediada pela lógica do capital e dos fluxos de produção e consumo ininterruptos. O corpo, a subjetividade e as relações (sociais, culturais, políticas, etc.) são caracterizadas por esse circuito.

a partir de múltiplas perspectivas, inserido na cultura popular, de massa, de mercado e que, longe de ser um plano estático, é um processo, mediado por perspectivas diversas, disputas políticas e econômicas, por meio das quais

[...] novas legitimidades são construídas pela via da cultura de massas, por meio da publicidade, das marcas de luxo, do culto às celebridades às quais as elites aderem, sem dúvida. Isso significa que o repertório da cultura de massas pode ser ora popular, ora de elite. Por isso, não se trata de opor uma cultura à outra, mas de analisar de qual delas as elites retiram sua legitimidade em detrimento da cultura das classes populares. (Mira, 2016, p. 432)

O sexo e suas representações, como o pornô, são temas interessantes na percepção dessas dinâmicas de legitimidade, tanto dos padrões de poder hegemônicos que estruturam a realidade social e, por isso, se inscrevem nas subjetividades, nos corpos, como nas formas de transgressão destes. O corpo ocupa um papel fundamental nesse processo, é um “[...] aspecto cada vez mais central na construção da identidade [...]” (Mira, 2003, p. 38) e, no capitalismo contemporâneo com suas novas configurações de sujeitos, “o corpo autopornográfico emergiu inesperadamente como uma nova força da economia mundial” (Preciado, 2023, p. 34), de modo que

A indústria do sexo não só é o mercado mais rentável da internet: é também o modelo de rentabilidade máxima do mercado cibernético global – só comparável à especulação financeira: investimento mínimo, venda direta do produto em tempo real e formato único, satisfação imediata para o consumidor. Cada portal da internet se configura e se organiza de acordo com essa lógica masturbatória de consumo pornográfico. Se os analistas financeiros que dirigem Google, eBay ou Facebook acompanham com atenção as flutuações do mercado ciberpornô é porque sabem que a indústria do sexo provê um modelo econômico do mercado cibernético como um todo. (*ibid.*, p. 35)

Em um momento em que se fala tanto do pânico moral que fomenta o discurso de que “a pornografia destrói a sexualidade” e da ascensão das “do job” (denominação comum para trabalhadoras sexuais de diversos ramos) em redes sociais como *Instagram*, *Twitter*, entre outras – nas quais o senso comum domina a maioria das posições tomadas acerca do tema, o trabalho sexual, principalmente na sua faceta do pornô audiovisual – visto a ascensão de plataformas como o *OnlyFans* e *Privacy*, aparece como parte fundamental dos hábitos de consumo cultural, das dinâmicas de legitimação do trabalho, das formas de exercer a sexualidade, das identidades políticas e subjetividades, além de se enquadrar na lógica de funcionamento do sistema econômico sob o qual vivemos.


O gosto, o fetiche, o sexo, a corporiedade são produzidos a partir de dinâmicas de poder – bipoder, farmacopoder, pornopoder – de modo que a regulação da vida perpassa tais processos de adaptação, rompimento e continuidade. Desse modo, o debate aqui exposto também se insere nessas disputas, expondo uma parte do aparato que perpassa a realidade social e cultural dentro de um sistema político econômico capitalista baseado na especulação, plataformização do trabalho e financeirização da economia, tal realidade merece um estudo atento, crítico, contínuo e que compreenda as normas, as representações, a materialidade do sexo como parte indispensável na produção e reprodução sociocultural do sistema.

REFERÊNCIAS

- Díaz Benítez, María Elvira. **Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro**. 2009. 290f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- DUARTE, Larissa Costa; ROHDEN, Fabiola. Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 715-737, 2016.
- FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia**, p. 575-606, 2008.
- MIRA, Maria Celeste. ENTRE A BELEZA DO MORTO E A CULTURA VIVA: a (s) cultura (s) popular (es) na virada do milênio e seus mediadores simbólicos. **Caderno CrH**, v. 29, n. 78, p. 427-442, 2016.
- MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos pagu**, p. 13-38, 2003.
- PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- PRECIADO, Paul B. **Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia**. 1 ed. São Paulo: N-1 edições, 2020.
- SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. **Coletivo Sabotagem**, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/4127848/2230757_susan_sontag_imaginacao_pornografica



2^o SEMINÁRIO
DISCENTE
PPGS-UFC



O FUTURO DA SOCIOLOGIA:
FRONTEIRAS, TENSÕES E
POSSIBILIDADES

09 a 11 de abril de 2025